

APRESENTAÇÃO

Este número da revista Cadernos CERU apresenta o dossiê *fontes e técnicas qualitativas em pesquisas em ciências humanas* – cujo objeto real ou sensível são os indivíduos humanos – assim, “têm por objeto formal certos fenômenos engendrados pela convivência humana e pela capacidade especificamente humana de simbolização”.¹ Esse dossiê temático convida-nos a problematizar registros, documentos escritos e linguagens orais e visuais por meio de representações e de construção de identidades. Os autores dos artigos desta publicação utilizam uma gama variada de fontes e de técnicas e dialogam com avanços contemporâneos da investigação. Apresentam uma rica discussão para o público universitário, sugerem o desenvolvimento de novas pesquisas e apontam um instrumental metodológico sobre como utilizar um universo variado de fontes e com interpretações também variadas, com olhares diversos com base na Sociologia, na Antropologia, na História e nas Ciências da Comunicação. Sendo assim, os investigadores trabalham com fontes, lidam com elas por meio de diferentes métodos, técnicas e abordagens.

Cada artigo é dedicado a uma investigação, com um problema, uma base teórica e metodológica próprios, embora se trate sempre de estudos qualitativos. Também variadas são as fontes e técnicas específicas de coleta de dados, utilizadas pelo pesquisador. As técnicas fazem o elo entre o objeto de observação, ou seja, a realidade empírica, e a articulação de evidências que verificam uma hipótese. As técnicas são operações de campo, como se sabe, sendo as qualitativas aquelas que trabalham com dados não expressos de forma numérica, não havendo preocupação com generalização dos resultados alcançados, mas, por outro lado, um cuidado grande com seu aprofundamento, apropriadas que são para estudo de temas complexos. Os métodos são peculiares das disciplinas que o aplicam. As diferentes técnicas podem ser aplicadas por ciências diferentes, sendo, assim, inter-

¹ NOGUEIRA, Oracy. O objeto das ciências humanas. In: SEDI, Hirano (Org.). Pesquisa social, projeto e planejamento. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. p.4.

cambiáveis em diferentes métodos nas ciências humanas. Desse modo, os investigadores constroem suas técnicas de observação e a fonte é uma escolha feita por estes com base nos testemunhos existentes. São muitas as fontes que se encontram à disposição do pesquisador social, havendo, no mundo contemporâneo, uma avalanche de informações que não só permitem, mas, muitas vezes, exigem o uso de novas técnicas e fontes documentais, bem como novos usos de fontes conhecidas. “Atualmente, a fabricação de um documento pelo pesquisador utiliza vários instrumentos mecânicos outrora inexistentes: a fotografia, o filme, e o gravador que registra entrevistas, depoimentos e histórias de vida”.²

As fontes orais revelam os significados da questão estudada e a subjetividade do expositor, são constituídas por meio de entrevistas gravadas com os sujeitos que participaram ou testemunharam os acontecimentos ou questões que estão sendo estudados. A riqueza das fontes orais provém do fato de elas fornecerem informações “subterrâneas” que não são reveladas pela história oficial. Essas fontes trazem à luz experiências, sentimentos e ressentimentos que fazem parte das ações cotidianas e das trajetórias de vidas. Na análise o investigador precisa levar em conta o discurso e a performance dos entrevistados. Para Portelli (1981), a História Oral trata da subjetividade, da memória, do discurso e do diálogo. O texto criado pelo pesquisador é um texto dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações (dos entrevistados, do entrevistador e do leitor).³

O consumo da imagem inicia no momento em que a litografia reproduz em série as obras de artistas, inaugura o fenômeno da imagem enquanto produto de interesse artístico, incluindo-se nesse momento as obras de viajantes, como Debret e Rugendas, entre outros. A fotografia amplia essa tarefa, principalmente quando começa a ser veiculada na imprensa. Além das imagens fotográficas e das imagens contidas em desenhos, gravuras e pinturas, o mundo contemporâneo reforça o domínio imagético com imagens cinematográficas e televisivas. As imagens são fruto de representações mentais e visuais. Para Francastel (1972), o conhecimento das imagens, suas origens e leis é uma das chaves de nosso tempo.⁴ O investigador do mundo contemporâneo deve estar atento a essas chaves, aos símbolos e ícones.

² QUEIROZ, Maria Isaura P. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha das técnicas: algumas reflexões (1992) In: LUCENA, Célia R. T.; CAMPOS, Maria Christina S. S.; DEMARTINI, Zeila B. F. Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: CERU, Coleção TEXTOS, série2, n.10, 2008. p.31.

³ Ver PORTELLI, Alessandro. Tentando apreender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História 15. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 1981.

⁴ Ver FRANCASTEL, Pierre. A realidade figurativa. São Paulo: Perspectiva, 1972.

A explosão do mundo dos impressos periódicos tem oferecido objeto de reflexão aos investigadores nos dias atuais. O periódico não apenas registra a notícia como transmite o pensamento filosófico e as tendências de uma época. Assim, periódicos de diferentes temporalidades podem oferecer conteúdo para se analisarem ideologia, sociabilidades e mentalidades. No final do século XX aumentou a especificidade de impressos com relação ao gênero dos periódicos assim como também se ampliou o número de pesquisadores sociais que se utilizam de revistas e jornais como fonte em suas pesquisas.

As fontes policiais ficaram trancadas por muitos anos, guardadas nos subterrâneos dos arquivos públicos, mas, nas últimas décadas, vêm sendo exploradas mais frequentemente e muitas estão ao alcance do público. Dessa maneira, os pesquisadores podem utilizar, em suas análises, inquéritos policiais, processos criminais, boletins de ocorrência, correspondências policiais. Estas fontes podem fornecer informações e, ainda quando associadas a outras fontes de diferentes naturezas, podem revelar aos pesquisadores informações até então silenciadas ou truncadas que podem desvelar conflitos, injustiças e preconceitos.

Entre os artigos apresentados neste número dos Cadernos CERU, o de Chiara Pagnotta relata um estudo com base em metodologia de História Oral. Comenta sobre as histórias de vida de onze mulheres imigradas de Guayaquil (Equador) para Gênova (Itália) e dos familiares que permaneceram no país de origem. Mediante a narração de histórias pessoais retrata o contexto migratório no Equador e na Itália, desde o momento da partida até o momento da decisão de permanecer definitivamente no país de adoção ou de eventual regresso ao país de origem.

Célia de Toledo Lucena tece reflexões sobre uma investigação realizada nas localidades da tríplice fronteira (Brasil/Peru/Bolívia). A investigadora construiu uma documentação baseada em fontes orais para entender os intercâmbios entre a população fronteiriça, lançou mão de entrevistas com comerciantes, colonos e moradores, de modo geral, das localidades de Assis Brasil (Brasil) e Iñapari (Peru) para conferir, por meio de suas experiências vividas, como foram se estabelecendo as relações políticas e sociais e como as práticas culturais são intercambiadas. Quando se defrontou com as barreiras entre novos e velhos moradores na pequena cidade de Iñapari, deu conta de que as emoções dos novos moradores são permeadas por ressentimentos. O ressentimento é uma atitude ou emoção que remete à percepção de que o grupo ao qual se pertence está em condição hierarquicamente inferior, principalmente quando se trata de intolerância étnica. Assim, a interação social existente na fronteira não leva ao desaparecimento das diferenças culturais.

Zeila de Brito Fabri Demartini discute o tema imigrantes, conflitos e discriminações. Em seu estudo baseado em narrativas orais de imigrantes

faz referência aos processos de deslocamentos e trajetórias realizadas por grupos em diferentes contextos, assim como os processos de construção/reconstrução de identidades que os acompanham e os conflitos enfrentados ao se inserirem na sociedade receptora. São diversos os motivos que podem levar indivíduos e grupos a abandonarem sua pátria para enfrentarem os problemas que se colocam ao se instalarem em um novo lugar, mas todos eles, enfrentando mais ou menos dificuldades, sempre refletem as marcas da terra de origem. A política imigratória do país de adoção pode facilitar sua integração, mas interesses políticos e econômicos nem sempre estão em consonância, mas muitas vezes os próprios imigrantes burlam as leis existentes, atraindo sobre si preconceitos da população autóctone, que podem ser atenuados, reforçados ou re-atualizados, conforme o tempo passa.

Doraci Alves Lopes e Juliana Daros Carneiro deixam um registro importante sobre trabalhadores da Favela Beco em Campinas. Com a coleta de depoimentos de trabalhadores mais idosos foi possível construir a memória sob a perspectiva do conceito da nova desigualdade e da crítica ao termo exclusão social. Os relatos evidenciaram profundo sentimento de ruptura no desejo de transmitir seus valores, suas memórias e demonstraram ainda estranhamentos diante das novas gerações.

O artigo de Lívia Morais Garcia Lima comenta sobre as fontes orais utilizadas tanto para a coleta de informações sobre o patrimônio imaterial como para levantar as demandas do público idoso. Seu objetivo foi analisar as formas pelas quais diversas propriedades rurais históricas paulistas se preocupam em proporcionar atividades voltadas para o lazer de idosos. A coleta de depoimentos foi acompanhada da realização de diário de campo e de registros fotográficos das atividades educacionais e turísticas nas fazendas estudadas.

O artigo escrito a quatro mãos por Gabriela Arantes Ferreira de Sales e Maria do Rosário Rolfsen Salles propõe uma reflexão sobre a constituição de redes solidárias estabelecidas com base em um sistema de cooperação integrado, realizado em comunidades localizadas na costa leste do Estado do Ceará. Utilizando a base conceitual de Marcel Mauss (sistema do dom, modelo de trocas sociais) e de Paulo Henrique Martins (princípios da solidariedade para a solidariedade moderna) realiza uma pesquisa qualitativa lançando mão de entrevistas nos vilarejos selecionados.

O artigo de Adriana Dias Gomide Araújo, Maria Luisa Magalhães Nogueira e Vanessa Andrade de Barros, tendo em vista compreender como a subjetividade é tecida e qual é o espaço da arte, da invenção e da resistência no tecido urbano, lança mão da história de vida de duas lideranças comunitárias de duas favelas da cidade de Belo Horizonte. Com base na definição de lugar como uma categoria da existência na produção do cotidiano, permite visualizar as inscrições históricas, bem como as possibilidades de resistência para a construção do sujeito social. A memória não se constrói

como sonho, mas é produto do trabalho e, enquanto tal, acontece na relação com o outro, com o grupo, com o qual se identifica (nem sempre em relação amistosa), levando ao encontro do lugar, da cidade e do porvir.

Anderson Ricardo Trevisan, em uma leitura original da *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, de Debret, faz uma relação entre imagens e palavras utilizadas pelo artista. Segundo Trevisan, Debret demonstra certa preocupação em ser entendido, recorrendo às inúmeras páginas de texto que, ao lado das litografias, compõem os três volumes da *Viagem Pitoresca ao Brasil*. Com isso Debret dá uma espécie de “arremate final” em sua mensagem com a utilização de texto e imagem, limitando com isso uma livre interpretação. O artista quando se vale de litografias e de escritos para transmitir uma mensagem deixa clara a maneira como gostaria de ser entendido, com qual tipo de olhar gostaria de ser interpretado.

Maurício Tintori Piqueira apresenta em seu artigo o resultado da análise da telenovela *Irmãos Coragem*, exibida na Rede Globo no início da década de 1970. Sua temática representava, de certa maneira, o cotidiano social do período em que seus personagens lutavam por uma vida melhor e, dessa forma, se integra nos dividendos do “Milagre Brasileiro”. Assim, representa a coragem que os protagonistas tinham para enfrentar as injustiças presentes em sua comunidade e a luta para conquistar uma condição de vida similar àquela conquistada pela classe média dos grandes centros urbanos.

Maria José de Rezende, por seu lado, faz uma análise da concepção de democracia que Antonio Candido defendeu em escritos que registram seus depoimentos impressos. Analisa seus textos das décadas de 1940 e 1950 e ainda das décadas de 1980 e 1990. A autora mostra como, nos escritos, textos e entrevistas realizados por Candido, se sobressai em seu pensamento a defesa da liberdade e da democracia.

Ana Maria Gonçalves utiliza como fonte de análise o livro didático *Páginas Literárias*, produzido por Francisco Silveira Bueno, na década de 40 do século passado, que era utilizado em diversos ginásios de São Paulo. O intuito do autor, que foi uma personalidade de projeção nos meios educacionais na época do Estado Novo, era o de contribuir para a formação dos jovens, inculcando nestes valores básicos relativos à família, pátria e religião. Essa obra teve bastante repercussão, tendo influenciado as determinações contidas na Lei Orgânica do Ensino Secundário da Reforma Capanema. O volume destinado à formação dos meninos é muito mais detalhado, deixando supor que Silveira Bueno considerava esta mais importante que a educação destinada às jovens da mesma faixa etária.

Joelma Varão Lima, que tem no periódico *Jornal das Senhoras* sua principal fonte de análise, tem como objetivo recuperar a vivência de mulheres de elite do século XIX, no Brasil Imperial. Trata-se de um periódico semanal, publicado nos anos de 1852 a 1855, escrito por mulheres na

Corte Imperial. Incluía seções de moda, belas artes, teatro e crítica, além de conter espaços dedicados à partitura de piano e a romances que eram publicados em forma de folhetins, como a *Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas. O periódico reflete a vida mais cosmopolita que a cidade do Rio de Janeiro adquire após a implantação de esgotos, de iluminação a gás e ainda após a extinção do tráfico de escravos. Com as alterações no contexto urbano foram possíveis não só a inserção da mulher no espaço público, como também o surgimento de novas formas de sociabilidade para mulheres e crianças.

Marcia Terezinha Jerônimo Oliveira estuda a presença feminina no grupo discente e docente na Universidade de Direito de Sergipe, no período de 1950 e 1970. Faz levantamento das mulheres que se bacharelaram, dos prêmios por ela recebidos e da trajetória de algumas alunas. Seu trabalho se insere na assim chamada Nova História Cultural, sendo a primeira análise que relaciona gênero e ensino jurídico em Sergipe nessa época. Para dar conta dessa proposta lança mão do conceito de gênero, utilizando-se de diversas fontes: orais, iconográficas e impressos periódicos. Em especial, destaca-se um artigo escrito por uma dessas mulheres, em que traz suas observações e reflexões sobre o tempo em que estudou na Universidade de Toulouse, França, o que lhe permitiu ingressar na atividade docente da Universidade de Sergipe. Seus comentários permitem-nos aquilatar os preconceitos então vigentes em relação à mulher e ao papel que deveria lhe caber na sociedade.

O artigo de Hellen Aparecida Furlas tem como objetivo compreender as relações conflituosas entre polícia e populares (imigrantes e população pobre), no contexto da cidade de São Carlos, entre os anos de 1888 e 1914, por meio da análise de inquéritos policiais e processos criminais e correspondências policiais (entre delegados e chefes de polícia). Assim, as análises mostraram que a falta de preparo e o treinamento inadequado dos policiais da Força Pública dificultavam suas ações cotidianas e suas relações com a população, prejudicando o patrulhamento das ruas.

Elias Evangelista Gomes faz um estudo etnográfico na Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra – Rua Augusta, localizada na cidade de São Paulo, pretendendo refletir antropologicamente sobre a socialização evangélica. Utiliza como base a metáfora bíblica sobre o pastor e a ovelha para avaliar a dinâmica do trabalho dos pastores evangélicos na atualidade. A Visão G12, desenvolvida pela comunidade Sara Nossa Terra, leva pastores e ovelhas a vivenciarem três condições: ser pastor, ser ovelha, ser *pastor de si*. Utiliza como técnicas de pesquisa suas observações em campo, mensagens proferidas em cultos e programas de TV evangélicos e mostra que o processo de socialização, no caso protestante, tem os pastores como seus principais agentes socializadores, que, por sua vez, tendem a incorporar aspectos da profissão docente e a se articular a uma lógica de ação educativa, baseada na motivação, na correção, no ensinamento e na avaliação. Sua

autoridade vem do cargo que ocupam, que os tornam capazes de distribuir bens de salvação.

A resenha feita por Maria Christina Siqueira de Souza Campos dá a conhecer ao público acadêmico brasileiro a última obra publicada por Maria Beatriz Rocha-Trindade, “A Serra e a Cidade”, que é certamente uma contraposição intencional ao célebre livro de Eça de Queiroz, “A Cidade e as Serras”. Assim como Eça de Queiroz, a autora se utiliza de uma linguagem muito elaborada e cuidada, como sói acontecer com a maioria dos autores portugueses, sejam eles literatos ou acadêmicos. A publicação atrai a atenção do leitor, primeiramente, por causa de sua impressão primorosa, muito bem ilustrada pelo olhar do fotógrafo Jorge Barros, que retrata muito bem a serra, na Cordilheira Central, a leste de Coimbra, em Portugal. Suas imagens conseguem transmitir toda a beleza da região estudada, de tal modo que as fotos inseridas no texto não são mera decoração, mas imagens por ele tiradas e colocadas, com certeza sob a orientação da autora, nos lugares devidos para servirem de contextualização ao que está sendo explicado. São as paisagens e as personagens dos três concelhos estudados – Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra -, que contribuem, especialmente, para aumentar a vontade de ler a obra. O eixo central do livro é o regionalismo e as áreas pesquisadas, segundo a própria autora, se contam entre as menos favorecidas de seu país, tanto no que se refere a sua situação ecológica, como social e econômica. A análise começa na região de partida dos migrantes e se conclui nas áreas da cidade grande, onde eles se estabelecem, sempre contando com o apoio dos que saíram antes.

Este número dos Cadernos nos deu a oportunidade de discutir e valorizar os aspectos metodológicos e as fontes de estudo que, por sua riqueza, permitem aprofundar diversos aspectos da realidade, alguns dos quais já estudados no passado, mas abordados nos artigos aqui incluídos sob outras perspectivas e se utilizando de outras fontes. Só a associação de diversas fontes possibilita atingir a profundidade exigida pela complexidade dos temas abordados. Isso, certamente, contribui para superar a limitação dos estudos qualitativos e as críticas que se fazem a eles pela impossibilidade de se generalizarem seus resultados para o universo em questão. A maior preocupação com a interpretação teórica, no entanto, apresenta-se como uma de suas grandes vantagens, assim como a colocação ao vivo dos sujeitos de cada estudo, não mais indivíduos anônimos, contados como números no conjunto das estatísticas, mas seres atuantes, agentes construtores, em maior ou menor grau, da história viva de nosso tempo.

Assim, precisamos, ao final desta apresentação, agradecer aos autores dos textos aqui apresentados por nos terem permitido publicá-los. Não menos importante, é preciso agradecer à Comissão de Credenciamento da Universidade de São Paulo, que tem nos apoiado firmemente ao nos conceder os recursos necessários para a publicação e sua marcação, facilitando,

assim, a colocação de cada número na internet, permitindo seu acesso ao grande público.

Por fim, agradecemos à Lilian Prado Pereira, secretária do CERU, que trabalhou ativamente na transcrição das correções efetuadas pela revisora, Maria Christina S. de Souza Campos.

São Paulo, dezembro de 2010.

Célia Regina de Toledo Lucena
Maria Christina Siqueira de Souza Campos